

Livros

livros@timeout.pt

A peregrinação de Rachel Joyce

Pôs um reformado a andar 1000 km e chegou ao National Book Award e aos dois milhões de exemplares vendidos. **Ana Dias Ferreira** ouviu Rachel Joyce falar sobre o seu primeiro romance, *A Improvável Viagem de Harold Fry*.

Numa manhã igual às outras, em que a mulher pede ao marido para lhe passar a geleia e reclama porque o que ele lhe dá é a compota, Harold Fry recebe uma carta de uma velha amiga com quem não fala há 20 anos. É uma carta de despedida porque a amiga está a morrer de cancro e já não há nada a fazer. Harold decide ir pôr a resposta no marco do correio, diz à mulher que vai só até ao fim da estrada, não demora nada, mas de frente para a ranhura percebe que esse gesto é insuficiente. Em vez de enviar uma carta, decide ir ter com a amiga e responder-lhe pessoalmente. E decide ir a pé, até à ponta oposta de Inglaterra.

A Improvável Viagem de Harold Fry é a história dessa caminhada, primeiro romance de Rachel Joyce, ex-londrina que venceu assim o National Book Award na categoria New Writer of the Year e foi finalista do Man Booker Prize em

2012, para além de ter vendido mais de dois milhões de exemplares. "O livro começou por ter a forma de uma peça de teatro que escrevi para o meu pai, quando ele estava a morrer de cancro", conta a autora, de passagem por Lisboa. "Não era bem um tributo, era uma forma de expressar o que eu estava a sentir." No caso, era também transformar uma sensação de impotência numa história em que um homem igual aos outros acredita que pode salvar uma amiga, Queenie Hennessy, através de um gesto que nunca fez na vida e dando-lhe algo por que esperar.

"Quería escolher um herói que não fosse óbvio, alguém

completamente normal com quem nos pudessemos cruzar e que fosse igual a toda a gente", diz a escritora, que ainda hoje escreve peças radiofónicas para a BBC Radio e já tem um segundo romance publicado, *Perfect*.

Harold não só é uma pessoa comum como é um homem apagado, 65 anos de vida dos quais 47 com a mesma mulher e 45 a fazer a mesma coisa: ser promotor de vendas numa fábrica de cerveja. Discreto desde criança, muito por imposição do pai, é daqueles homens que não costuma fazer nada impulsivo até decidir caminhar de South Devon até Berwick-upon-Tweed sem uma bússola, telemóvel ou calçado

apropriado. "Harold Fry era um homem alto que se movia pelo mundo de costas curvadas, como se estivesse sempre à espera de que, sem mais nem menos, pudesse aparecer-lhe pela frente uma trave baixa ou um avião de papel disparado vá-se lá saber por quem." (p. 33)

Um pé à frente do outro, o recém-reformado percorre 1007 quilómetros em 87 dias, como revela desde logo o mapa que abre o livro e onde está assinalado o percurso do protagonista. No entanto, cedo se percebe que esta peregrinação é uma viagem em muitos outros sentidos, da que vai revelando novas paisagens inglesas e provocando bolhas nos





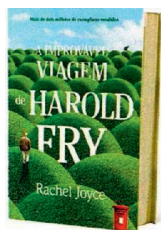
pés, à que faz com que Harold desperte não apenas para as suas recordações – a mãe que um dia fez as malas e foi embora, tinha ele 13 anos, o pai que já não o reconhecia no lar e o filho que não vê há 20 anos – mas também para as pessoas com quem se vai cruzando no caminho. “Talvez uma pessoa visse mais do que terra quando saia do carro e fazia uso dos pés”, reflecte Harold na página 49. Rachel Joyce acrescenta: “Caminhar é um acto lento, que desacelera tudo, além de que é uma espécie de regresso a algo básico, onde nos podemos relacionar com as outras coisas mais intensamente e onde ganhamos noção de que somos pequenos e tudo o resto é muito grande.”

Na sua caminhada, acordado pela primeira vez em décadas para o mundo à sua volta, Harold depara-se com gente quase sempre solitária ou deslocada, da rapariga da bomba de gasolina ao dono do pub, passando pela eslovaca que é médica mas trabalha em empresas de limpeza.

“Se alguém está de passagem,

pode estabelecer uma relação muito particular com os locais e as pessoas por onde passa”, diz Rachel Joyce. “De certa forma, é mais fácil a alguém abrir-se com uma pessoa que nunca mais vai ver na vida do que com alguém com quem está todos os dias.”

A viagem de descoberta de Harold tem um espelho na sua própria casa, onde a mulher, perante a ausência e o gesto ousado do marido, põe também tudo em perspectiva. E se o livro pode ser lido como um relato sentimental sobre o amor, a amizade, a fé e o arrependimento, é no final que se eleva para uma reflexão sobre o envelhecimento e a morte – e, por consequência, sobre o



A Improvável Viagem de Harold Fry
Rachel Joyce
Porto Editora,
16,60€

que é estar vivo.

“Não podemos viver até reconhecer que um dia vamos morrer”, diz a escritora, justificando assim porque é que o tema acaba por ir parar sempre aos seus livros. “Não podemos fingir que vamos andar por aqui para sempre, porque isso não é realmente viver.”